

# DISCIPLINA NA IGREJA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Shedd, Russell P.  
Disciplina na igreja / Russell P. Shedd. — 2. ed. — São Paulo:  
Vida Nova, 2013.

ISBN 978-85-275-0542-0

1. Direito eclesiástico 2. Igreja disciplina 3. Igreja e  
Estado 4. Teologia - Estudo e ensino I. Título.

13-05534

CDD-262.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Igreja: Disciplinas: Aspectos legais: Direito eclesiástico 262.9

# DISCIPLINA NA IGREJA

RUSSELL P. SHEDD

NOVA EDIÇÃO

  
VIDA NOVA

Copyright ©2013, Edições Vida Nova

1.<sup>a</sup> edição: 1983

2.<sup>a</sup> edição: 2013

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970  
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0542- 0

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

---

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Curtis A. Kregness

REVISÃO

Mariú Madureira Lopes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Fernando Pires

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Sk Editoração

CAPA

Julio Carvalho

---

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil como todos os direitos reservados por Edições Vida Nova.

# SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> .....	7
<i>Introdução</i> .....	9
<b>1. Termos-chave para a disciplina segundo o Novo Testamento</b> .....	19
A. Disciplina .....	19
B. Ensino .....	24
C. Exortação .....	27
D. Educação .....	35
E. Admoestação e advertência .....	40
F. Repreensão e convicção .....	46
G. Correção .....	52
<b>2. Como disciplinar?</b> .....	55
A. Estudo de caso: disciplina de Pedro .....	60
B. Estudo de caso: disciplina de Judas .....	62
C. Estudo de caso: Lucas 15 .....	66
D. Estudo de caso: Mateus 18 .....	74
<b>3. Exemplos de disciplina negativa no Novo Testamento</b> .....	79
A. O homem que cometeu incesto .....	79
B. Deus disciplina sua igreja .....	83
C. A disciplina de Ananias e Safira .....	87
D. A disciplina de Simão, o mago .....	89
E. Himeneu e Alexandre .....	91
F. A disciplina de hereges .....	92
G. Os que pecam para a morte .....	100
<i>Conclusão</i> .....	107



# PREFÁCIO

É comum nos nossos dias as igrejas evangélicas mostrarem um esforço cada vez maior para viver de acordo com os princípios ensinados por Jesus e seus apóstolos, conforme registrados no Novo Testamento. Contudo, o que se verifica é que muitas vezes não temos atingido o padrão bíblico. E uma das áreas que mais manifesta tal distância com relação ao ideal divino é a aplicação da disciplina na igreja local.

Por um lado, encontramos igrejas que pouco parecem preocupar-se com o assunto e exercem a “disciplina da indiferença”, deixando cada membro da igreja responsável por seu próprio comportamento dentro e fora da comunidade cristã. Outras, por sua vez, aplicam apenas a “disciplina da excomunicação”, eliminando da lista de membros todas as pessoas que não frequentam regularmente os cultos ou as que cometem pecados considerados “escandalosos”, geralmente de natureza sexual; e, infelizmente, há igrejas que excluem pessoas de sua lista de membros puramente por motivos pessoais ou políticos.

Por outro lado, encontramos igrejas que se preocupam excessivamente com o tema da disciplina a ponto de se tornarem comunidades reguladoras de todos os aspectos da vida de seus membros; não lhes deixando campo para a tomada de decisões éticas à luz de sua própria consciência e da Palavra de Deus. São as chamadas igrejas “legalistas”, nas quais muitas vezes o cristianismo é reduzido a uma soma de mandamentos, quase sempre negativos. Tudo é motivo de disciplina, ou seja, exclusão!

Diante de tal quadro, este livro será um guia indispensável a pastores e líderes de igrejas que têm a responsabilidade de exercer a disciplina eclesiástica e pastoral em suas comunidades locais. Dr. Shedd expõe com clareza e profundidade os princípios teológicos e práticos do exercício da disciplina na igreja, conforme relatados no Novo Testamento. Sua leitura proporcionará inquietantes e emocionantes descobertas da grande riqueza que envolve o ensino neotestamentário sobre a disciplina na igreja. A aplicação destes princípios, creio, resultará em igrejas mais fortes e maduras e, mais adiante, na glória do nosso Deus e Salvador.



# INTRODUÇÃO

**D**eus ama sua igreja. Por amor a ela, é que Deus não poupou seu Filho único e amado (Rm 8.32). Entre os vários títulos que descrevem a igreja, “a família de Deus” e “filhos de Deus” revelam a preocupação ímpar que o Pai celestial tem para com o bem-estar de todos os seus filhos: usufruir do privilégio extraordinário que é pertencer à igreja de Cristo.

Ninguém acredita, porém, que a participação na comunhão dos santos garanta que o filho adotivo passe a ser parecido com o Filho eterno ou que se comporte como o Pai. Certamente esse deveria ser o alvo, mas na realidade concreta da igreja, experimentada por nós numa comunidade que reúne pessoas com todas as suas debilidades, muitas vezes que se conhecem bem de perto, o ideal pouco ou nunca se vê.

Filhos de Deus muitas vezes falam, pensam e agem como filhos de Adão e até do Diabo (Jo 8.44; 1Jo 3.10; Gl 5.15). A disparidade entre a santidade que a filiação divina tem o propósito de produzir (Ef 1.4; 5.26s) e a iniquidade que os membros da família divina naturalmente praticam demonstra a necessidade impreterível da disciplina.

Pela “instru[ção] em justiça” (2Tm 3.16), os imaturos e ignorantes devem avançar por meio da transformação operada pelo Espírito até refletir a “mesma imagem” de Jesus Cristo (2Co 3.18). “Crianças em Cristo” é uma figura que o apóstolo Paulo utilizou para caracterizar os coríntios sem maturidade (1Co 3.1-3), justamente porque não manifestavam sinais de filiação divina, mas sim humana e carnal:

Irmãos, não vos pude falar como a pessoas espirituais, mas como a pessoas carnis, como a crianças em Cristo. [...] Visto que há inveja e discórdias entre vós, por acaso não estais sendo carnis, vivendo segundo padrões puramente humanos?

É comum que se interprete o texto como uma referência a descrentes, não a cristãos, na expressão “os que se intrometem pelas casas” (2Tm 3.6). No entanto, não foi essa a atitude que Paulo expressou em relação aos coríntios:

Pois em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo conhecimento, porque o testemunho de Cristo foi confirmado entre vós; de modo que não vos falta nenhum dom, enquanto aguardais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele também vos firmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. (1Co 1.5-8)

Pode parecer chocante concluir que não há nenhum meio seguro de distinguir os filhos verdadeiros dos falsos (chamados “ilegítimos” em Hb 12.8) a não ser no longo prazo.<sup>1</sup> Com o passar dos anos, os filhos pródigos ou perdidos voltarão arrependidos para casa, e os ilegítimos confirmarão que necessitam da graça salvadora. É bastante comum que pessoas que frequentem a igreja com regularidade, e até sejam membros ativos, também com regularidade deem a impressão de serem

---

<sup>1</sup>Diz Hebreus 3.14: “Porque temos nos tornado participantes de Cristo, se mantivermos a nossa confiança inicial firme até o fim”. A parábola do joio, contada por Jesus, ensina uma verdade paralela: somente os anjos no julgamento terão meios de separar os salvos dos perdidos (Mt 13.24-30; 36-43).

verdadeiros cristãos simplesmente porque aprenderam a falar e atuar segundo os modelos que a igreja adota. No entanto, é provável que não estejam dispostos a perder a amizade e o apoio que a igreja lhes fornece, embora, na realidade, nunca tenham de fato sentido convicção sincera e profunda de pecado a ponto de se arrepender.

Outros passam os dias mergulhados na falsa segurança, apoiados num sutil descompromisso de pastores que pregam a mensagem de graça barata. Segundo tal doutrina, pode-se optar entre receber Jesus Cristo como Salvador e viver uma vida carnal, ou escolher a vida “espiritual” tendo Jesus Cristo como Senhor. É bem fácil mostrar que nem Jesus (cf. Mt 7.16-23) nem os apóstolos endossaram tamanha dubiedade (Rm 8.5-9; Hb 12.14; 1Jo 3.6,9; 1Pe 1.16,17,22).

O que vemos é muitos líderes eclesiásticos reconhecerem a impossibilidade de julgar quem tem “a semente de Deus” (1Jo 3.9) e quem a necessita; por isso decidem permitir o trigo e o joio “crescerem juntos até a colheita”, isto é, até o julgamento de Deus no juízo final. Ele, sim, fará a separação sem nenhum engano. Mas evitar a disciplina acaba diluindo, barateando e finalmente destruindo a igreja. Isso porque encoraja a adesão de indivíduos que não mostram interesse genuíno nos alvos e padrões sublimes do Reino de Deus, mas que apenas buscam vantagens mundanas.<sup>2</sup> A história da igreja está repleta de casos em que a motivação espiritual esteve sujeita às ambições humanas.

---

<sup>2</sup>Certo senhor que pretendia estabelecer uma imobiliária em um centro urbano indagou qual igreja, a Primeira Presbiteriana ou a Primeira Batista, tinha mais negociantes imobiliários. Tornou-se membro da igreja que oferecia maior potencial de expansão a seu negócio.

Outros, porém, sentem um zelo semelhante ao de Fineias em alcançar a pureza da casa de Deus (Nm 25.1-15). O pecado não tem vez em igrejas pastoreadas por tais dirigentes.<sup>3</sup> Se houver suspeita de algum pecado oculto, eles, como cães farejadores, seguem uma pista até descobrir e disciplinar o(s) errado(s). Pouco se preocupam com o perigo de “ofender” ou “fazer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim”, conforme disse Jesus (Mt 18.6). Segundo esse padrão, o pecado não pode ser tolerado porque, como câncer, corrói e destrói a vida do corpo de Cristo, que é verdade incontestável.

No caso anterior, no qual a disciplina é esquecida, a igreja deixa de existir, no sentido de organismo espiritual, porque não há consciência, muito menos manutenção, da separação entre cristão e não cristão. A Igreja Católica Romana exemplifica bem essa atitude. Segundo estimativa do IBGE de 2011, 64,6%<sup>4</sup> da população brasileira é membro da Igreja que se diz a única e verdadeira de Cristo. Mas milhões de espíritas

---

<sup>3</sup>Foi assim que um pastor expressou seu protesto contra a posição do pr. Ray Stedman revelada em seu sermão “A igreja pura e verdadeira”, que acabou sendo publicado num suplemento especial da *Liderança pastoral*, 1980, Curitiba. Assim dizia o pr. Stedman: “Não inicie uma cruzada que tenha apenas o propósito de acabar com a maldade ou com os erros, especialmente o erro religioso, porque nisso você não prosperará”. O pastor que protestava disse em contrapartida: “Esse é um convite ao comodismo e também uma excelente justificativa de consciência para pastores indolentes e os que estão ultrapassando a linha divisória entre o mercenarismo e o pastorado [...] Já há joio demais no mundo. Por que o toleramos também dentro da igreja? Discordo terminantemente do pr. Ray Stedman, que diz que há filhos do Maligno em cada igreja”.

<sup>4</sup>Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_no_Brasil)>. Acesso em: 18 dez. 2012.